



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DO “MITO DOS OLHOS VENDADOS” DE CLAUDE SHANNON

* Marcos Namba Beccari

Resumo: Um dos maiores debates em torno da Teoria da Comunicação se refere à sua histórica multiplicidade filosófica. Para estabelecer uma discussão a esse respeito, escolheu-se analisar o “Mito dos Olhos Vendados” na obra de Claude Shannon (1916- 2001). Para Shannon, a Fenomenologia é limitada ao abordar apenas as experiências reflexiva e sensível e suas possíveis ligações. O autor utiliza a *decisão* para ilustrar de que modo a Fenomenologia pode sustentar a Filosofia, enquanto esta diz respeito à uma reflexão existencial. O presente trabalho tem o objetivo de demonstrar e contrapor, quando possível, o esboço filosófico que Claude Shannon registrou em sua hipótese do “Mito dos Olhos Vendados” e suas possíveis repercussões literárias. Entre as principais conclusões, destaca-se a proposta de um método particular, baseado no conceito de entropia da consciência, com ênfase na concepção da percepção em Sartre e Heidegger.

Palavras-chave: Teoria da Informação, Mito dos Olhos Vendados, Fenomenologia.

01. O “Mito dos Olhos Vendados”

A “Hipótese dos Olhos Vendados”, escrita por Claude Shannon em 1940, objetiva demonstrar a complexidade entrópica contida no ser humano. Trata-se basicamente de um ensaio acerca de um experimento que envolveria a vida inteira de uma cobaia humana em constante observação. Este homem deveria nascer com os “olhos vendados”, objetivando-se assim evitar qualquer contato visual com outros seres humanos, sendo logo em seguida colocado em uma sala de observação. Tal sala seria completamente isolada da civilização humana, acompanhada apenas pelos cientistas que observariam o indivíduo, no entanto sem nunca deixá-lo que os vejam. O propósito disso evidentemente é evitar completamente qualquer tipo

* Estudante do 4º ano em Bacharelado em Design Gráfico (UFPR) e do 4º ano em Tecnologia em Artes Gráficas (UTFPR). Endereço eletrônico: beccariarts@gmail.com



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

de contato da cobaia com os outros seres humanos. Mesmo se tratando de uma hipótese, Shannon preocupou-se em descrever todos os detalhes, inclusive sobre a alimentação, higiene e bem estar biológico da pessoa a ser isolada do mundo. Fato é que, se tal experimento fosse efetivado sem nenhuma falha nos procedimentos, o indivíduo poderia atingir exatos 644 anos de vida.

A princípio, essa previsão nos parece inconcebível, mesmo com tantos gráficos e equações que a comprovam matematicamente. Mas seguindo o raciocínio entrópico, o experimento não estaria apenas isolando o indivíduo da sociedade humana, mas principalmente evitando ao máximo que ele tome *decisões*. E qualquer complexidade informacional só se torna entrópica – fisicamente passível de chegar à morte térmica – quando há *decisões*. Explico. Para Shannon, toda *decisão* precede de uma necessidade existencial que, por sua vez, encontra-se inerente a tudo que existe. Simplesmente o fato de algo ou alguém existir já se caracteriza como uma *decisão*: a *decisão* de existir. Nota-se que, neste aspecto, ocorrem duas variáveis: a de existir e a de não existir. A priori, a inexistência é o extremo da “redundância”, sendo o início da existência também muito simples e redundante, como o embrião humano e o hidrogênio. Isso se dá porque sua gama de variáveis é muito pequena, diversificando-se apenas quando ocorrem *decisões*, sendo esta uma progressão geométrica integral rumo à complexidade – ou melhor dizendo, à “entropia”. A entropia nada mais é do que a Segunda Lei da Termodinâmica, uma importante lei física que determina que a complexidade de um sistema termodinâmico isolado tende a aumentar com o tempo, aproximando-se de um valor máximo que resulta na morte do sistema. A principal consequência disso é que todo corpo que tome *decisões* nunca existirá eternamente. Vale lembrar que a *decisão* não é necessariamente algo consciente ou voluntário para Shannon, afinal trata-se de uma necessidade existencial de qualquer coisa que exista. Tal necessidade provém da Primeira Lei da Termodinâmica que anuncia a conservação de energia de todos os sistemas, representando assim uma busca pelo equilíbrio através do movimento e das interações com a realidade. Os extremos de qualquer sistema são, seguindo este raciocínio, a total redundância e a total entropia, sendo as *decisões* configuradas pelos movimentos de equilíbrio que, por outro lado, também são responsáveis pela morte do sistema.



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

Pode-se estabelecer uma analogia com o próprio universo. Quando ele surgiu, segundo a teoria do “Big Bang”, sua redundância era absurda já que ele era constituído unicamente por um tipo de elemento: o Hidrogênio. Sua necessidade de equilíbrio ocasionou na aglomeração gravitacional do Hidrogênio, dando assim origem às primeiras galáxias. Posteriormente, surgiram as estrelas e os planetas que não passam de conseqüência das *decisões* entrópicas do sistema. É possível dizer até que o Universo, em seus 13,7 bilhões de anos, está no início de sua existência, afinal cerca de 90% da matéria visível no Universo ainda é composta de Hidrogênio. Outra comparação pode ser feita com a própria vida humana. O início de nossa existência é configurado por um embrião, uma única célula que se multiplica até virar um feto humano. Depois que nascemos, somos submetidos a um mundo repleto de *decisões* a serem tomadas (voluntariamente ou não), desde simplesmente comunicar-se com os outros através da linguagem até construir e planejar a própria carreira. Finalmente quando o sistema biológico atinge a entropia máxima dentro de seu limite existencial e fisiológico, nós morremos. Ressalta-se que aqui o homem está limitado ao conceito de “ser pensante”, afinal a matéria do corpo humano ainda continuará existindo até que atinja sua máxima entropia, tendo em vista a expectativa de biodegradação em aproximadamente 900 anos. Neste sentido, o tempo não passa de uma condicional entrópica e o espaço, um suporte redundante.

Retornemos à hipótese dos Olhos Vendados. A sala de observação na qual a pessoa estaria aprisionada seria a sua única referência de mundo. Passaria a vida toda sob o mesmo teto, diante das mesmas paredes e sobre o mesmo chão. Como já vimos antes, ela teria alimentação e higiene diária com procedimentos cuidadosos para evitar qualquer contato com seus observadores. Shannon especula que as possibilidades de morte por atrofia muscular seriam quase nulas, uma vez que o indivíduo se exercitaria naturalmente sendo estimulado por uma iluminação equivalente à luz solar. Sobre tentativas de suicídio, Shannon afirma que não há como ele entrar em depressão simplesmente porque o rapaz não saberia o que é alegria ou tristeza. Enfim, se todos os subsídios biológicos forem atendidos, este ser humano teria a necessidade existencial de tomar *decisões*, assim como estaria submetido ao tempo e ao espaço. Mas como, afinal, ele viveria 644 anos?

O verdadeiro objetivo do experimento seria evitar ao máximo que ele tome *decisões*, mesmo que isso seja uma necessidade. O espaço disposto à sua volta não ofereceria praticamente nenhuma circunstância que exija uma *decisão* por parte da cobaia. Mas, de um jeito ou de



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

outro, ela tomaria *decisões* para fugir da redundância. A principal e única diferença com relação a nós é que esta pessoa levaria muito mais tempo. A concepção de tempo para ela seria completamente diferente da nossa, conseqüentemente sua existência duraria muito mais que a nossa – relativismo puro. Evidentemente que, próximo aos primeiros 100 anos de idade, a cobaia teria uma aparência cadavérica devido aos fatores degenerativos naturais. Shannon chega até a descrever algumas das *decisões* mais peculiares que a cobaia faria no decorrer de sua vida – aparentemente seriam feitos bastante incomuns, “paranormais” segundo o próprio autor. Fenômenos como andar pelas paredes, comunicar-se com seres imaginários, controlar a temperatura ambiente e até levitação sobre o chão são listados por Shannon e comprovados matematicamente por estimativas e equações de probabilidade. Depois de alguns anos após a tentativa de publicação do ensaio entrópico, estas absurdas especulações foram abandonadas pelo próprio autor. Irrefutavelmente, a hipótese dos Olhos Vendados sempre foi vista como inconcebível e inaceitável pela comunidade científica, sendo estes documentos nunca publicados oficialmente.

02. Análise Fenomenológica

A Fenomenologia, ao contrário das ciências “puras”, naturais ou médicas, é alvo constante de críticas, quer seja por sua falta de unidade metodológica, pela complexidade do seu objeto, ou por sua localização indefinida entre as ciências. É uma disciplina que está situada, a depender da perspectiva de seus teóricos, ora entre as ciências lingüísticas, ora entre as ciências humanas. Apesar de, atualmente, já ser considerada uma ciência intermediária, devido às influências dos aspectos fisiológicos e culturais na determinação do comportamento, essa concepção parece incipiente e distante de um consenso.

Na perspectiva de ciência da linguagem, a Fenomenologia assume basicamente o método positivista, pretendendo a explicação do comportamento dos fenômenos em geral e sua conseqüente previsão. Paralelamente, sob uma abordagem humanista, fundamenta-se de forma explícita na Filosofia, e visa compreender os fenômenos psicológicos e existenciais atrelados à dimensão natural do homem.



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

Trata-se da clássica pergunta: os fenômenos denominados de “*decisões*” são lingüísticos ou humanistas? Ou, ainda: qual a influência de cada aspecto – humanismo e linguagem – na gênese da fenomenologia?

Sabe-se que as metodologias utilizadas pela Filosofia da Linguagem, cada uma, sua perspectiva filosófica ou epistemológica própria, se baseiam nas explicações e nas investigações dos fenômenos percebidos pelo homem. Verificou-se, ao longo das leituras, que o “mito dos olhos vendados” elaborado por Claude Shannon, além de atacar o princípio científico desta disciplina, vai desencadear numa proposta de compreensão da *decisão* em si, enquanto precedente da informação, baseada no método fenomenológico. O autor considera este fenômeno como objeto específico de análise e, mais que isso, como um paradigma de um enredo literário provocativo para uma nova perspectiva de investigação matemática da subjetividade humana. Neste sentido, este mito representa a tentativa de uma alegoria puramente filosófica à partir de uma teoria matemática aplicada à subjetividade da linguagem, configurando um ponto de partida de um possível esboço filosófico como um todo, e é sob esta égide que Shannon dialoga com diversas teorias fenomenológicas.

O autor tece variados e profundos pontos de vista para a *decisão* e a informação como fenômenos, influenciado pelas teorias fenomenológicas de Edmund Husserl, Merleau-Ponty, Giles Deleuze, Winnicott e Bergson, discutindo mais detalhadamente com estes por considerá-los os primeiros a construir uma teoria da significação.

Analisou-se detalhadamente alguns artigos de Shannon (não publicados oficialmente no meio impresso), seguindo uma ordem cronológica para tentar abarcar a evolução do pensamento filosófico do autor e investigar algumas contradições. Estudou-se, entre ensaios e críticas filosóficas, a autobiografia, romances e entrevistas dadas pelo autor, a fim de contextualizar suas idéias. Recorreu-se também a autores que comentam a obra shannoniana, para confrontar suas análises com o que ia se observando durante a consolidação da Teoria Matemática da Informação. Além disso, foram pesquisados em manuais matemáticos e em alguns textos específicos o conteúdo das hipóteses com as quais o autor dialoga e, ainda, analisou-se a concepção de alguns autores sobre o conceito de Fenomenologia. Trata-se, portanto, de uma revisão bibliográfica, em que se discute os resultados do mito das *decisões* humanas enquanto primeiros ensaios na obra de Claude Shannon.



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

A atualidade do autor reside, entre outros aspectos, na constatação de que suas discussões dialogam com os sistemas filosóficos precedentes na história do pensamento. Ele já não se encontra no “Século das Luzes”, extasiado com a “descoberta da razão”, nem na fase da sua “crise”, momento antecipado por Sartre. Está situado numa época de reconstrução, em que pôde, além de construir um sistema particular de pensamento, repensar o conhecimento já instituído. Logo, não se pode considerar, como alguns o fazem, o pensamento matemático da comunicação determinado por uma temporalidade histórica, visto que se trata de uma análise da condição humana, sempre vinculada ao contexto em que o indivíduo nasce e vive.

Shannon não foi um filósofo de formação. No entanto, ao tentar contribuir com a filosofia, oferece elementos para se repensar teorias, a fim de não transformar esta ciência em numa repetição hermética e defasada. Dado que a Filosofia, enquanto método, baseia-se (na maioria das vezes) em construções teóricas precedentes, este trabalho assume a noção geral de que não há “verdades” científicas petrificadas, mas uma constante e necessária re-significação crítica, capaz de construir uma atividade intelectual condizente com a sua aplicação reflexiva em um novo contexto.

03. Claude Shannon e a Fenomenologia

Para Shannon, os filósofos a ele contemporâneos, embora não se recusem a interpretar e a compreender os fenômenos naturais (matemáticos, lógicos, exatos), desejam ter um objeto definido e tentam buscá-lo somente na comprovação científica. Entretanto, não consideram outros tipos de comprovações, somente a reflexiva e a sensível. Negligenciam, por exemplo, a experiência inconsciente e a involuntária. Neste sentido, Shannon trata a Fenomenologia como uma ciência uniforme, falando, por exemplo, em “princípio científico”. Mas, haveria um único princípio para esta ciência? Ou ela é essencialmente múltipla? Comenta-se que não há uma Fenomenologia, mas as Fenomenologias, tanto em nível teórico quanto prático (MARTINS & DICHTHEKENIAU, 1984). Shannon também não discute em nenhum momento, na bibliografia consultada, a relação entre teoria e prática, nem qualquer forma de aplicação técnica, deixando de considerar, portanto, a possibilidade de se conviver com variados métodos, a depender do objetivo científico. Quando se refere à Fenomenologia, considera-a uma forma de compreensão da percepção humana e de seus fenômenos psíquicos



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

e não uma ciência aplicada. Neste sentido, pode-se pensar, ao contrário do que o autor afirma e, ao mesmo tempo, baseando-se em seu próprio mito, que onde existir um sujeito haverá possibilidade de fundar uma Fenomenologia. Por outro lado, só foram encontradas análises em que o autor considera, talvez, uma perspectiva de Fenomenologia meta-humana, ao falar, por exemplo, em Fenomenologia Existencial (que pode ser considerada, sob tais preceitos, uma “Fenomenologia Filosófica”).

Shannon, no entanto, considera que “não se compreende o interesse desses trabalhos de colecionador” (SHANNON, 1968), afirmando que os filósofos que tentam absorver a essência humana baseada apenas em fatos empíricos simplesmente acumulam acidentes, preferindo, por positivismo, o fato contingente e isolado ao essencial e necessário. Para Shannon (1980), se os filósofos, “...animados, na sua modéstia, pela esperança, louvável em si, de que mais tarde se conseguirá realizar, com base em suas dissertações, uma síntese fenomenológica da própria existência como um todo, então, na verdade, contradizem-se a si mesmos. Dir-se-á que esse é exatamente o método, e a ambição das ciências da natureza. A isso, haverá que responder que as ciências da natureza não procuram conhecer o mundo e sim as condições de possibilidade de certos fenômenos de ordem geral.”

Este trecho deve ser minuciosamente analisado, porque reflete uma das grandes contradições do pensamento de Claude Shannon. Primeiramente, deixa claro que os fenômenos humanos são de outra natureza e não podem ser investigados sob os mesmos métodos que as ciências positivas, pois estas não estariam preocupadas em estabelecer uma essência humana sobre a qual analisar os fenômenos. A Fenomenologia, ao contrário, precisaria fundar um existencialismo como um todo, uma síntese final que procurasse definir e limitar a priori seu objeto de estudo, e não a partir de fatos observados ao acaso, sem conexão uns com os outros. Para Shannon, “a Fenomenologia não tem condições de estabelecer uma base essencial, que possibilite entender os fenômenos humanos, já que seu método está baseado apenas nas experiências sensível e reflexiva” (SHANNON, 1968). Ou seja, a Fenomenologia, preocupada com os fatos da consciência individual, não consegue apreender a natureza essencial de cada fenômeno humano, como as *decisões*, por exemplo. Seria necessário que a investigação fenomenológica partisse de uma base, ou essência, pré-definida e descoberta. Embora o autor assumira que essa noção de essência universal não está construída, considera que deve ser



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

sempre buscada, sob pena de a Fenomenologia nunca vir a abarcar toda a experiência humana.

Esta sugestão, embora não detalhada, é proposta nos textos “Esboço da Hipótese dos Olhos Vendados” (1940), “Decidir a ser” (1968) e “Uma Ontologia das Decisões” (1980). Confunde-se, inicialmente, com a concepção ontológica de Bergson, pois, ao considerar a necessidade de uma essência universal para cada fenômeno da consciência, parece descartar a afirmação futura (quando assume uma concepção sartreana) de que o homem vive o contexto. Mais tarde, no texto “O Mito do Bebê de 644 anos” (1944), surge esta nova proposta. Como, então, construir uma essência humana que não seja baseada no conceito do ser (sendo a comunicação a condição de humanidade), mas na condição informacional? Se a condição é temporal e individual, como pode haver uma base única sob a qual analisar os fenômenos existenciais de todos os seres, visto que estes assumem significados diferentes a depender da situação? Parece que a noção de essência das informações, citada acima, em 1980, refere-se à idéia de estrutura, a qual Shannon condena no texto de 1944 (“O Mito do Bebê de 644 anos”), quando constrói obras e práticas totalmente engajadas matematicamente.

O pensamento de Claude Shannon é povoado de oposições entre essência e construção, estrutura e subjetivismo, ontologia e positivismo. Afinal, questiona-se ao autor a possibilidade de se construir uma nova “Fenomenologia”. Em que ela seria baseada, já que os fatos empíricos são insuficientes? Haveria relação entre esta idéia e o conceito de *decisão*, através do qual o autor afirma que o ser humano “se define pelos fins que persegue” (SHANNON, 1980)? Ora, certamente uma essência do homem também englobaria o futuro, já que ele é, no presente, uma reformulação constante que visa sempre algo, seja imediata ou tardiamente.

Shannon considera a Fenomenologia uma ciência desordenada devido a essa falta de base estabelecida antes de qualquer análise. Neste sentido, parece referir-se, em parte, a conceitos que precisariam ser pré-definidos, sobre os quais considerar os fenômenos manifestos. E, neste sentido, a Fenomenologia, como qualquer outra ciência, constrói conceitos e definições próprias, entretanto, não é e nem parece caminhar para fixar uma terminologia única. Mas esta é uma das críticas do autor, a qual justificaria a eterna pretensão da Fenomenologia em se constituir como ciência. Como não circunscrever as definições conceituais a cada corpo teórico que compõe a ciência fenomenológica?



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

Neste caso, para o autor, deve haver uma orientação metodológica básica antes de qualquer análise, e não a empírica por ela mesma, se auto-explicando. Entretanto, considera que, na maioria das vezes, os fatos investigados pela Fenomenologia não têm qualquer relação entre si, indo desde “o complexo de inferioridade à ilusão estroboscópica”. O autor denuncia que a ciência fenomenológica não estabelece uma relação essencial entre a emoção, a memória, a *decisão* e a percepção.

Novamente, é uma crítica que desconsidera as subdivisões da ciência fenomenológica. Mas, além disso, atualmente há teorias que preenchem essa lacuna apontada pelo autor. Os lingüistas e filósofos contemporâneos (como Jacques Derrida e Jean Baudrillard por exemplo) em uma análise cognitiva, consideram que a *decisão* e atitude é uma manifestação que não depende do indivíduo, inclusive de sua formação. A *decisão* não está ligada à linguagem, ao pensamento e às outras funções psíquicas, a diferença está nas formas de acesso aos significados individuais, doados pela consciência, mas analisados sob diferentes perspectivas.

Desta forma, a compreensão e o paradigma são semelhantes ao pensamento de Shannon, mas o método difere. Enquanto a Fenomenologia Cognitiva estabelece testes de avaliação, a Fenomenologia proposta por Shannon propõe a redução eidética (chegar às essências) para alcançar os conteúdos ou sentidos da consciência, e a Fenomenologia Existencial sartreana, que também considera como foco de análise a percepção humana, vinculando-a às ideologias e contextos em que o indivíduo está inserido, detalha a idéia do ser-em-situação afirmado por Shannon. Esta última estabelece como instrumento de acesso à cognição pessoal a análise dos discursos e de suas contradições, numa abordagem histórico-dialética. Shannon, no entanto, não chega a detalhar o fenômeno da *decisão* como um produto histórico ou como constituinte da consciência humana, que para ele se configura na liberdade a que a consciência se submete.



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

04. Conclusões

Três vertentes povoam o pensamento de Claude Shannon: a fenomenologia, a ontologia e o existencialismo, resultando em sua análise da condição humana, representada metaforicamente no “Mito dos Olhos Vendados”. Assim, a crítica à fenomenologia não pode ser desvinculada do pensamento do autor como um todo.

Para criticar a Fenomenologia, parte de uma análise ontológica em direção a uma compreensão existencial do homem e de todo corpo existente, em que se considera o ser como possuidor de informações, duração temporal e liberdade de *decisões* básicas. Para Shannon, a Fenomenologia precisa se fundamentar na Matemática, no sentido da última permitir um método que é ao mesmo tempo objetivo e ao mesmo tempo abstrato, já que parte dos fatos naturais. Esta é uma idéia, inclusive, do início dos estudos da Informação enquanto teoria matemática, em que se tentava responder à ciência com um método eficaz, dado os ataques ao positivismo e à recusa à metafísica. Mas a Teoria Matemática da Informação sozinha daria conta de unificar a fenomenologia, a ontologia e o existencialismo? Em que medida ela seria útil? Além disso, é possível investigar as *decisões* existenciais através de um único método?

O “Mito dos Olhos Vendados” é entendido aqui como uma espécie de “olhar fenomenológico”, como postura metodológica, e não como doutrina, menos sistematização científica e mais uma hipótese analítica, uma forma de abordagem.

O autor analisa, pontua, critica, mas na proposta volta ao método fenomenológico tradicional. Propõe que se estabeleçam os significados de cada *decisão*, mas como construir tal ciência? Haveria significações essenciais para os fatos, os sentimentos, as atitudes e *decisões*, que fossem universais e aplicáveis a qualquer corpo existente no espaço? Ou estaria tratando da necessidade de estabelecer uma única linguagem fenomenológica? Diante de tantos fenômenos existenciais e diversos pontos de partida, como fazê-lo?

Após a breve análise realizada neste estudo sobre as intenções primeiras do autor, foi possível, a fim de não fragmentar uma obra extensa e múltipla, possibilitando sua



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

compreensão, unir fenomenologia e existencialismo, e com isso associar essência a existência, estrutura a liberdade a um único fenômeno: a *decisão*.

Mas com relação à análise do sentido imanente à *decisão*, o “Mito dos Olhos Vendados” seria baseado em quê? Em essências ou estruturas? Estaria Shannon se referindo a uma nova análise ontológica ou puramente estruturalista? Qual a relação entre ambos os métodos?

Shannon afirma que a *decisão* a ser investigada é a do objeto em análise, e que sua significação pode ser absorvida por qualquer pessoa. Como realizar uma comparação entre as *decisões* que o sujeito faz a fim de descobrir sua totalidade organizada, da qual tudo se origina?

A *decisão* é, então, entendida como o modo de ser desta consciência, manifestando-a. É, portanto, a linguagem da existência no espaço e no tempo, movimentando o mundo individual e intersubjetivo. São ações externas à própria realidade e reações fenomenológicas específicas, constituindo-se, para Shannon, em formas de satisfazer a subjetividade dos fenômenos. Logo, a *decisão* consiste na expressão do ser que existe – ocupa lugar no espaço, possui duração no tempo, interage com o mundo e com o outro ser existente.

É a partir desta reflexão acerca do ser existente que Shannon elabora o “Mito dos Olhos Vendados”. Sua meta é descobrir, por trás das aparências empíricas e dos comportamentos, a forma original de cada indivíduo, de cada ser existente, considerando-o numa relação concreta com o mundo. Afinal, não seriam as *decisões* específicas que determinariam e definiriam a individualidade temporal e comportamental de cada um?

O “Mito dos Olhos Vendados” de Claude Shannon, embora seja apenas uma “tentativa filosófica” não publicada, é baseado numa consideração monista e não averiguada cientificamente, ou seja, na tentativa de que alguém a construa à partir de um ponto de partida, em meio a tantas equações e análises filosóficas. Trata-se de considerar toda a experiência existencial e não apenas a experiência humana, as percepções e as interpretações, mas uma noção que englobe desde a essência subjetiva à existência concreta e passível de ser ilustrada matematicamente, a fim de entender e explicar a significação básica da existência universal.



III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade

Desafios para a Transformação Social

PPGTE - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia
UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná
10 a 13 de novembro de 2009
Curitiba - Paraná - Brasil

05. Referências:

- DARTIGUES, André. O que é a Fenomenologia? Tradução de Maria José J. G. De Almeida. São Paulo. Editora Centauro, 7ª ed.
- HEIDEGGER, Martin. Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo, Finitude e Solidão. Tradução de Marco Antonio Casanova. São Paulo. Editora Forense Universitária, 5ª Ed.
- <http://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-comunicacao-humanidade.pdf> - acessado em 21/01/2008
- <http://www.ene.unb.br/~juliana/cursos/teoriainf/> - acessado em 21/01/2008
- MARTINS, Joel & DICHTHEKENIAU, Maria Fernanda S. Beirão (orgs). Temas Fundamentais de Fenomenologia. São Paulo. Ed. Moraes, 1984.
- MEDEIROS, João Bosco. Redação Científica. São Paulo. Ed. Atlas, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. 1ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SARTRE, Jean-Paul, & FERREIRA, Vergílio. O existencialismo é um humanismo. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- _____. O Ser e o Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica. Cap. 2. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1997.
- SHANNON, Claude. A Mathematical Theory of Communication. Bell Systems Technical Journal, 27:379-423, 623-656, 1948.
- _____. [documentos não publicados de Claude Shannon] – títulos disponíveis em <http://www.research.att.com/~njas/doc/shannonbib.html> - acessado em 26/01/2008 - [http://memory.loc.gov/cgi-bin/query/r?faid/faid:@field\(DOCID+ms003071\)](http://memory.loc.gov/cgi-bin/query/r?faid/faid:@field(DOCID+ms003071)) - acessado em 26/01/2008